

COLÉGIO DE APLICAÇÃO JOÃO XXIII: MEIO SÉCULO DE EDUCAÇÃO¹

Andrea Vassallo Fagundes*

É com imensa satisfação que me dirijo a todos. Primeiro, por compartilhar um momento tão especial quanto esta solenidade comemorativa dos cinquenta anos do Colégio de Aplicação João XXIII. Segundo, por ter a oportunidade de dividi-lo com pessoas tão caras a nós, como todos os que fizeram parte dessa história e que hoje estão aqui reunidos para serem homenageados.

Nossa trajetória de uma instituição pública de educação básica que luta, a cada dia, para conquistar a tão almejada qualidade de ensino se fortalece com as contribuições de cada servidor que participou e participa dessa construção.

A partir desse reconhecimento, retomamos os escaninhos da memória e dos registros existentes para ressaltar a importância da contribuição dos inúmeros servidores que fizeram parte desse colégio.

Seria, todavia, desnecessário retomar a história do João XXIII, tão bem registrada por nossa ex-diretora Lucy Maria Brandão que, junto com o professor Murilo Hingel, nos fizeram, através de seus discursos, reviver os primórdios dessa instituição de ensino.

História que você, estimada Lucy, de forma primorosa nos fez lembrar, não somente pela sua formação enquanto professora de História, mas também, ou inclusive, por ter sido uma das protagonistas desse contexto.

Paul Veyne, em seu livro *Como se escreve a história*, questiona porque o homem se interessa pelo seu passado e ressalta que são dois os motivos nos quais reside esse interesse. O primeiro e mais singelo seria por simples curiosidade, seja para obter informações ou acompanhado de uma exigência da inteligibilidade. O segundo e mais forte seria por fazer parte de um grupo social e, assim, o passado adquire um atrativo particular: o sentimento, a tradição e tantos outros valores que emergem da história, a partir da consciência que um povo toma de si mesmo.

Quando a comissão dos cinquenta anos pensou em homenagear aqueles que participaram da história do João XXIII, foi justamente para reavivar o sentimento de pertencimento, trazendo para o presente a consciência das marcas que cada de um de vocês deixou em nossa história.

Segundo Foucault, a História é o que fazemos dela ou será tudo aquilo de que o presente se apossar, dando legitimidade à herança que o antecedeu.

Reconhecemos, assim, estimados ex-professores e TAEs, a importância da herança deixada, fruto do trabalho profícuo de cada um. Foi devido a esses esforços que hoje temos condições de apresentar um João XXIII ímpar, em termos de possibilidades de acesso e permanência à escola pública.

Um exemplo dessa construção é a entrada de nossos alunos através de sorteio público, fruto da opção coletiva e histórica de nossa Congregação desde a década de 1980. A cada ano, o número de inscritos no sorteio de vagas cresce significativamente. No final de 2014, foram mais de 1.700, concorrendo a 75 vagas para o primeiro ano do ensino fundamental.

* Professora doutora e diretora geral do Colégio de Aplicação João XXIII/UFJF.

Mas, se as famílias juizforanas e da região demonstram, através desse quantitativo, o desejo de que seus filhos façam parte de nosso colégio é porque, historicamente, avanços significativos ocorreram e nos fizeram crescer enquanto escola.

Foram inúmeros aqueles que contribuíram para o avanço do C. A. João XXIII no cenário educacional. Não poderíamos deixar de registrar que, ao longo desses anos, houve o apoio fundamental da Administração Superior da UFJF, na figura de seus diversos reitores: Professor Moacyr Borges (1961 a 1967); professor Moacyr Teixeira de Andrade Reis (1967 a 1968); professor Gilson Salomão (1968 a 1972); professor João Martins Ribeiro (1972 a 1976); professor Sebastião de Almeida Paiva (1977 a 1981); professor Márcio Leite Vez (1981 a 1985); professor Sebastião Marsicano Ribeiro (1985 a 1989); professor Eduardo Miguel Passarella Freire (julho a novembro de 1989); professor José Passini (1990 a 1994); professor Rene Gonçalves de Matos (1994 a 1998); professora Maria Margarida Martins Salomão (1998 a 2006); professor Henrique Duque de Miranda Chaves Filho (2006 a 2014) e professor Júlio Maria Fonseca Chebli (2014 – atual).

Hoje, o João XXIII conta com 1.389 alunos, distribuídos entre ensino fundamental, médio e EJA. São 94 professores efetivos, sendo 4 especialistas, 20 mestres, 14 doutorandos e 56 doutores. E todos, por sua vez, realizando uma busca constante pela qualificação e o aprimoramento profissional.

Nosso número de TAEs também foi ampliado, contamos com 35 servidores, distribuídos em diversas funções. Possuímos, hoje, inclusive, um núcleo de apoio escolar, constituído por psicólogos, assistentes sociais e pedagogas.

O número de projetos voltados para o ensino vem crescendo significativamente. Temos 94 projetos de treinamento profissional, 35 de monitoria júnior, o projeto Aluno Assistente na Escola, com a participação de 25 alunos e mais uma profunda inserção na formação

inicial de professores, atendendo cerca de 440 estagiários das diferentes licenciaturas da UFJF.

Atuamos, também, na formação continuada de professores. Estão em funcionamento dois cursos de especialização. Participamos de diversos programas de formação continuada desenvolvidos pelo MEC, como o Pacto pela Alfabetização na Idade Certa, o Pacto Nacional do Ensino Médio, Portal do Professor, Avaliação Nacional do Livro Didático, dentre outros.

No que se refere à pesquisa, são 52 projetos em andamento e 34 de extensão que atendem cerca de 900 alunos do colégio e da comunidade.

Nossa infraestrutura melhorou substancialmente, pois, como Lucy relatou, fomos transferidos na década de 1970 para o antigo prédio da Engenharia que, por sua vez, não foi pensado nem preparado para atender à educação básica. Viemos, ao longo desses anos, adequando nosso espaço físico, humanizando-o e provando que os espaços públicos também podem e devem ser bons e belos.

Milton Haltom, em sua obra *Arquitetura e urbanismo*, reforça essa ideia, ao afirmar que a arquitetura de um ambiente precisa trazer consigo sentimentos humanos, onde o bom e o belo residem na essência humana de todo aquele que se preocupa com a sensibilidade inteligível do outro.

Como veem, nosso colégio continua crescendo e atingindo a maturidade aos cinquenta anos.

Mas, se esta noite festiva, como dissemos no início de nossa fala, pretende destacar o reconhecimento do passado que nos constituiu num movimento de valorização e agradecimento, de igual forma gostaríamos de registrar a importância de vislumbrar o futuro, num movimento de constante crescimento.

Possuímos inúmeros desafios que se apresentam no horizonte de nossas ações.

Dos 17 colégios de aplicação ligados às universidades federais existentes em todo o país, somos o único que possui o *status* de Unidade Acadêmica.

Temos trabalhado arduamente para que a SESU, a SEB e a ANDIFES² mantenham maior interlocução com o Conselho de Diretores de Colégio de Aplicação, o CONDICA_p, e nos auxiliem a defender nossos pleitos e demandas junto ao MEC, tais como a inclusão da assistência estudantil, a ampliação do quadro de professores e TAEs, o fomento a projetos de ensino, pesquisa e extensão, a consolidação de nossa matriz orçamentária, dentre outros.

Almejamos, também, a implantação da escola em tempo integral e, para tanto, vimos realizando discussões profícuas sobre um currículo que não se propõe tão somente a inserir o aluno na escola por mais tempo, mas o investimento na qualidade daquilo que lhe é oferecido de forma diferenciada.

Outro desafio que se faz imperioso é a concretização de nossas obras, um dos pré-requisitos para a implantação da escola em tempo integral, que há dois anos vem se adequando, através do refazimento de projetos estruturais. Nossa expansão prevê a construção de novo prédio, no lugar do antigo Centro de Ciências, com previsão de doze novas salas, anfiteatro com capacidade para trezentas pessoas, refeitório, ampliação da biblioteca, além de uma piscina aquecida e coberta, novas salas de ginástica, danças e lutas, dentre outras.

Estes são alguns dos inúmeros desafios que se descortinam. Algumas pessoas poderiam dizer se não seria uma utopia o que estamos almejando para o futuro. Talvez nossos ex-professores e TAEs também tenham ouvido, em diferentes momentos da história, se iriam continuar com os seus sonhos.

Afirmo que pretendemos e queremos continuar sonhando, pois é esse o anseio que impulsiona a nossa caminhada.

Em uma reunião no final de março, em Brasília, com a secretária de Políticas de Inclusão do MEC, ouvimos uma frase que sintetiza bem o que estamos ressaltando: “A utopia precisa e deve existir em nossas

vidas, é ela que nos impulsiona ou nos faz crescer, pois nos faz alvejar aquilo que está por vir, diferentemente do ideal que reflete a ideia do inatingível.”

Parecia quase uma utopia conseguir reuni-los novamente, nossos antigos afetos e ex-servidores do João XXIII, no entanto, estamos aqui, hoje, *juntos*, celebrando a comunhão entre o passado, o presente e o futuro.

Esta cerimônia é uma das inúmeras atividades que estamos realizando. O colégio está todo mobilizado para fazermos de 2015 um ano realmente festivo. Dentre as atividades programadas, teremos um belo jantar dançante no dia 3 de julho, para o qual todos aqui estão convidados.

Outro exemplo dessas atividades comemorativas foi a realização, no mês de março, de uma movimentada gincana com os nossos alunos. Foi um momento festivo e pudemos congrega, a essa atividade, a doação de alimentos não perecíveis e brinquedos, que foram destinados a três instituições filantrópicas de nossa cidade, o que ressaltou o caráter social do evento.

Havia, também, um caráter pedagógico, pois estimulamos os alunos a produzirem desenhos, contos, paródias, músicas e poesias alusivas aos cinquenta anos do Colégio.

O resultado da gincana, no que se refere às doações, foi surpreendente, pois foram arrecadadas mais de duas toneladas de alimentos e cerca de três mil brinquedos, além de mais de quinhentas produções. A atividade terminou com a premiação da turma vencedora, a certificação de participação para todos os alunos e um bolo comemorativo, parabenizando o colégio.

Dentre tantas pérolas produzidas durante essa gincana, finalizo meu discurso com a poesia de Gabriel, um aluno nosso que procurou retratar, em versos, o sentimento pelo João XXIII em seus cinquenta anos de existência:

MEIO SÉCULO

Chego à escola
Estudo do Inglês ao Português
Sabe, eu amo a minha escola que é o João XXIII

Pois é na rima que me expresso Escola
linda, de meio século
Sempre na paz, eu não me estresso
7h05min eu já me apresso

Porque quando chegamos
Nas salas do João
Somos todos irmãos
Colégio formador de cidadãos

Alunos e professores
É legal essa junção
E nosso corujão merece toda
essa comemoração

Mas, vou ter o que falar
Quando sair pra me formar
Momentos bons vou lembrar
Como esse em que a gente se uniu para ajudar
Quem não tem café
E nada para almoçar

Aprendemos no João
A traçar a bissetriz
E a cada doação
Deixar uma criança mais feliz

Pois é...
Esse é o meu, o seu, o nosso João
Colégio de meio século de Educação.

Muito obrigada!

NOTAS

¹ Discurso proferido na solenidade comemorativa dos 50 anos do C. A. João XXIII, ocorrida em 14 de abril de 2015, no Museu de Arte Murilo Mendes, ocasião em que foram homenageados, por meio de medalha e certificação, os professores e técnicos administrativos que prestaram serviços em prol da educação e se aposentaram no colégio.

² Secretaria de Educação Superior do Ministério da Educação; Secretaria de Educação Básica do Ministério da Educação; Associação Nacional dos Dirigentes das Instituições de Ensino Superior.